



A Santa Sé

**CARTA DO PAPA JOÃO PAULO II
AOS BISPOS ALEMÃES POR OCASIÃO
DO IV CENTENÁRIO DA MORTE
DE SÃO PEDRO CANÍSIO**

Veneráveis Irmãos no Episcopado

1. Quando, a 2 de Setembro de 1549, São Pedro Canísio obteve a bênção do Papa Paulo III para a sua missão na Alemanha, ajoelhou-se junto do túmulo de Pedro, Príncipe dos Apóstolos, para orar. Aquilo que viveu interiormente plasmou-o de maneira tão profunda, que num trecho das suas confissões afirma: «Tu sabes, ó Senhor, quão intensamente naquele dia me confiaste a Alemanha. A partir de então, a Alemanha ocupou sempre mais os meus pensamentos e desejei ardentemente oferecer a minha vida e a minha morte pela sua salvação eterna» (1). Este era o programa de vida, ao qual permaneceu heroicamente fiel até à sua serena morte, no dia 21 de Dezembro de 1597.

Na sua Encíclica *Militantis Ecclesiae*, de 1 de Agosto de 1897, o meu estimado Predecessor, Leão XIII, definiu justamente e com honra, «segundo Apóstolo da Alemanha» aquele que o Papa Pio IX beatificara a 20 de Novembro de 1864 (2).

Quando, no dia 21 de Maio de 1925, foi elevado às honras dos altares pelo Papa Pio XI, adquiriu o título de Doutor da Igreja.

Na Sua amorosa providência, Deus fez de São Pedro Canísio o Seu embaixador, num período em que a voz do anúncio católico da fé nos Países de língua alemã corria o risco de se calar. Nisto reentram ambos os pólos em cujo campo de tensão se manifestaram a personalidade e as obras do Doutor da Igreja: a Alemanha, que então estava constituída por um território muito mais extenso que o de hoje, e a verdade da fé católica que esteve exposta a

diversas críticas.

2. Como cooperador na difusão da verdade (cf. 3 Jo 8), Pedro Canísio serviu de múltiplos modos a Igreja na Alemanha. Também quando se dedicou a actividades políticas e organizativas, o objectivo da sua obra permaneceu o anúncio da verdade, e foram sempre a catequese e a pastoral o fio condutor da sua rica produção. Tanto o apreço extraordinário que obteve das autoridades eclesiásticas e seculares, como os obstáculos que os seus detractores tentaram erguer no seu caminho, demonstram o modo como conviveram nele sinceridade e bom senso.

O Santo dedicou particular atenção aos jovens, em cuja formação intelectual e religiosa via um pressuposto essencial para um futuro católico da Alemanha. Esta actividade era reconhecida pelos seus coirmãos na Companhia de Jesus, cujo fruto foi a criação, em poucos decénios, de uma elite espiritual que se tornou o elemento propulsor daquela época cultural, na qual o que o Concílio de Trento havia semeado produziu uma abundante colheita.

Uma experiência tão encorajadora faz-nos compreender qual é o grande significado que poderia revestir actualmente uma escola, impregnada pelo espírito do Evangelho, intimamente conexas com a vida da Igreja e empenhada em altos ideais culturais. Deste modo, caros Irmãos, recomendo-vos vivamente a promoção da instituição escolar católica, que na Alemanha, de resto, está há muito tempo organizada de modo exemplar. Quem serve os jovens, serve o futuro da Igreja e da cultura. Por esta razão uma educação juvenil, baseada na Igreja, é um serviço indispensável para um fecundo florescimento cultural e religioso da Alemanha, pela qual vale também a pena fazer sacrifícios de carácter financeiro e ideal.

3. O facto de Pedro Canísio, não obstante a sua incansável actividade eclesial, ter deixado também uma vasta obra de carácter teológico, suscita admiração e maravilha. Se se avaliarem os teólogos com base nas suas qualidades criativo-especulativas e na sua disposição crítico-histórica, é difícil encontrar nele uma originalidade particular e grandes divagações espirituais. Que o Santo estivesse muito longe dessas exigências, certamente é atribuível ao facto que, nas confusas condições do tempo em que viveu, se sentia enviado ao serviço da verdade da fé como Pastor de homens: «Desejo despertar nos outros e em mim mesmo um fervor maior, a fim de que o depósito católico da fé, que o Apóstolo não nos confiou sem motivo e que é preferível a todos os tesouros deste mundo, seja conservado preciosamente intacto e autêntico, pois dele dependem a sabedoria cristã, a paz em geral e a santidade do homem» (3).

Pedro Canísio imergiu-se de maneira consciente na corrente da santa Tradição, que os Apóstolos tinham iniciado e transmitido, a fim de que ela, como Tradição viva, unisse todas as novas gerações de fiéis às origens da Revelação em Jesus Cristo. Canísio reuniu em si a erudição do espírito, a santidade de vida e — segundo um ideal típico da sua época plasmada pelo Humanismo e pelo Renascimento — também a fineza e a elegância da expressão verbal, de maneira que imediatamente após a sua morte foi definido «o Santo Agostinho do seu tempo».

Aproximar a ciência teológica às Escrituras e à Tradição, segundo quanto foi estabelecido pelo Magistério da Igreja, e confirmá-la através da vida pessoal, é uma mensagem para todos aqueles que hoje se dedicam ao ensino da Teologia. A obra de Pedro Canísio demonstra que a ciência teológica só se torna fecunda se for posta ao serviço da verdade revelada. Esta tarefa só pode ser desenvolvida por aqueles teólogos que, com o seu ponto de vista, não se põem numa distância crítica da Igreja, mas permanecem nela como seus membros que crêem, esperam e amam. Por isto o teólogo deve, como um sismógrafo, seguir as mutações repentinas das ciências humanas, e em vez de se lhes tornar escravo, deve pôr os seus conhecimentos à luz da fé e avaliá-los sob este ponto de vista. Somente deste modo poderá ser um interlocutor honesto e fidedigno para as ciências profanas, cujas investigações têm em todo o caso uma orientação ética. A Igreja é, portanto, o espaço vital do teólogo. Assim como o peixe não pode viver fora d'água, de igual modo o teólogo só pode permanecer fiel à sua própria identidade, se enraizar firmemente na vida da Igreja as suas especulações e interrogativos, as suas pesquisas e obras.

4. Pedro Canísio não tinha a peito apenas os «grandes» da Igreja e da política. Dirigia-se também aos «pequeninos», em particular às crianças. Numa carta, escreve: «Outros podem tomar como pretexto o próprio trabalho, podem ter em vista cargos mais altos, que prestam à Igreja máximos serviços. (...) Podem também justificar-se, afirmando não quererem tornar-se eles mesmos crianças entre as crianças. Cristo, a Sabedoria do próprio Deus, não voltou atrás e tratou as crianças com confiança» (4).

Quando se lhe apresentava uma ocasião, dedicava-se pessoalmente a instruir na fé as crianças; ao mesmo tempo procurou ter a possibilidade de se dirigir às novas gerações dos Países católicos de língua alemã, expondo por escrito o ensinamento religioso e moral nos Catecismos. Da sua força de identificação às capacidades de aprendizagem dos seus leitores, brotaram três catequeses dirigidas a três diversos grupos diferentes pela complexidade de linguagem, mas substancialmente idênticas na estrutura e conteúdo. Embora o tempo em que Canísio actuou fosse dramático e cheio de provas lacerantes, o Santo permaneceu fiel ao seu princípio de renunciar a inflamadas polémicas, de não fomentar polarizações e de expor em primeira linha a doutrina católica, sem citar os inimigos nem sequer agredi-los.

A respeito disso, recordo a minha Carta Apostólica *Catechesi tradendae*, que retoma a herança do «Doutor da Igreja do anúncio» e desenvolve os princípios da catequese hodierna. Estruturada de maneira sistemática, ela quer oferecer o essencial da doutrina católica, com a necessária integridade e, em relação ao grau de formação do seu destinatário, introduzi-la em todos os âmbitos da vida cristã (5).

Se uma consciência amadurecida pressupõe uma cultura sólida, é necessário um firme conhecimento da fé para que o homem, no decurso da sua vida, que hoje por vezes o faz sentir como se caminhasse à beira dum precipício, seja capaz de distinguir entre o verdadeiro e o falso, o bem e o mal, a via para a santidade e o caminho errado.

Aos numerosos homens e às muitas mulheres que se empenham no serviço nem sempre fácil da catequese, dirijo a minha mais profunda gratidão. Depois das mutações políticas nos Países do Leste, a tarefa da catequese assumiu uma nova dimensão. Este serviço da Igreja é dirigido não só às crianças e aos jovens, mas também aos adultos. No vosso País vivem, de facto, muitas pessoas que foram defraudadas da verdade sobre Jesus Cristo ou, ainda que outrora acreditassem nela, depois a excluíram deliberadamente da própria vida. Estou-vos grato pelos múltiplos esforços catequéticos que fazeis para oferecer, a quem procura dar um sentido à própria vida, uma fonte cuja água não só permite aplacar a sede ardente mas «dá a vida eterna» (*Jo 4, 14*).

5. A primeira fonte, na qual Pedro Canísio bebia como num elixir de longa vida, foi constituída pelas Sagradas Escrituras. Referia-se a elas sobretudo quando pregava. Quer se encontrasse no interior das catedrais ou nas cortes dos príncipes, quer nas paróquias ou nos conventos, o púlpito era para ele o lugar privilegiado para o serviço da verdade. Ele mesmo, certa vez, disse que na Igreja de Deus não existe ofício mais digno, eficaz e abençoado que o do pregador, que o exerce com fidelidade e expõe ao povo, explicando-a, a interpretação correcta da Palavra de Deus. Ao contrário, o cristianismo jamais é tão danificado como quando confia a pregação àqueles que ensinam o erro (6).

Reflectir sobre o grande pregador Canísio recorda-nos que, entre as formas da dissertação religiosa, a pregação tem um papel de primeiro plano. Com efeito, ela não é só um modo de criar comunhão através da comunicação, mas é o eco da voz do próprio Jesus Cristo, que exorta os homens: «Completo-se o tempo e o reino de Deus está perto: Arrependei-vos e acreditai na Boa Nova» (*Mc 1, 15*).

Na nossa época o ofício do pregador representa um desafio particular. Por causa da mensagem dos meios de comunicação social, a cujo poder de penetração, muitas vezes reforçado pelas imagens, o homem consegue subtrair-se com dificuldade, por causa da sua tendência à simplificação e do carácter discutível dos valores que eles transmitem, o pregador muitas vezes se sente como «alguém que grita no deserto» (cf. *Mt 3, 1-3*). Apesar disto, a pregação constitui também hoje uma grande possibilidade de transmissão da fé. A respeito disso, o contacto pessoal que se instaura entre aquele que prega e aquele que escuta, assume um significado particular. O carácter imediato do encontro permite à mensagem mostrar a própria autenticidade. O pregador não é só aquele que ensina, mas é sobretudo aquele que dá testemunho. A Palavra é expressa através de um intermediário, de maneira que a pregação ressoe dum certo modo, como o eco do anúncio de Cristo: «Quem vos ouve é a Mim que ouve» (*Lc 10, 1*). Por este motivo é indispensável que o próprio sacerdote, em particular por ocasião da celebração eucarística, exerça o seu ofício de pregador.

Com base nesta exigência prioritária encorajo todos aqueles, a quem é confiado o anúncio, a prepararem-se a fundo através do estudo, da oração e da reflexão, para exercer esta tarefa. Se a

Palavra das Sagradas Escrituras for para o pregador como o pão quotidiano, tornar-se-á para ele mais fácil anunciar a Boa Nova aos seus fiéis como Palavra de vida.

6. Como já recordei no início da minha Carta, o segundo Apóstolo da Alemanha hauriu inspiração para a sua missão de vida, orando junto do túmulo do seu grande Santo Padroeiro, o Apóstolo Pedro, e recebeu de um Sucessor deste último, o Papa Paulo III, a bênção para a sua missão.

Com profunda gratidão podemos hoje afirmar que a unidade entre a Santa Sé e os Bispos alemães é muito firme. Os sinais desta proximidade e desta comunhão espiritual, que constantemente me ofereceis, muito me alegram. Também inúmeros sacerdotes e fiéis me demonstram a sua generosidade e a sua devoção. Da sua parte, a Santa Sé sempre atribuiu o máximo valor ao vínculo profundo que a une à Igreja na Alemanha, e expressou-lhe muitas vezes o seu particular apreço. Eu mesmo, durante as minhas três viagens apostólicas, manifestei a minha proximidade à Igreja na Alemanha. Como sabeis, o Sucessor de Pedro, ao qual o Senhor confiou a missão de confirmar os próprios irmãos, sente-se vinculado ao exemplo do Apóstolo das Gentes, São Paulo, e ocupa-se de todas as comunidades. Por isto, valha aquilo que o Papa Pio IX disse durante o Concílio Vaticano I: «Esta suprema autoridade do Bispo de Roma, veneráveis Irmãos, não oprime, mas ajuda; não destrói, mas edifica; consolida na dignidade, une no amor, fortalece e tutela os direitos dos seus Coirmãos, os Bispos» (7). As numerosas pessoas que experimentaram a opressão política ou ideológica sabem quanto isto é verdadeiro.

A missão do Bispo de Roma vem-nos à mente também quando enfrentamos a questão da unidade dos cristãos. Desde o tempo de Pedro Canísio, em que já tinha sido estabelecida a dolorosa divisão da fé no Ocidente, a relação da Igreja católica com as comunidades eclesiais surgidas da Reforma mudou de modo radical. Recordo-vos o Decreto sobre o Ecumenismo *Unitatis redintegratio*, do Concílio Vaticano II, e também a minha Encíclica *Ut unum sint*, e exorto-vos a estudar os princípios do verdadeiro ecumenismo, que neles estão contidos, e a pô-los em prática com honestidade. O Primado do Bispo de Roma constitui um serviço irrenunciável para a unidade. «Presidir na verdade e no amor, para que a barca (...) não seja despedaçada pelas tempestades e possa chegar um dia ao porto almejado» (8), nisto consiste a tarefa urgente do Sucessor de Pedro. Por este motivo, exorto-vos a assumir juntamente comigo a comunhão espiritual como critério dos vossos esforços orientados para a unidade, tanto da Igreja na Alemanha como com as comunidades eclesiais separadas. Ao mesmo tempo, renovo a oração que há dez anos elevei na presença do Patriarca Ecuménico, Sua Santidade Dimítrios I: «O Espírito Santo nos dê a Sua luz e ilumine todos os pastores e os teólogos das nossas Igrejas, para que possamos procurar, evidentemente juntos, as formas mediante as quais este ministério possa realizar um serviço de fé e de amor, reconhecido por uns e outros» (9).

Veneráveis Irmãos!

São Pedro Canísio, Doutor da Igreja, no decurso dos cinquenta anos do seu incessante

empenho, na heróica obediência ao serviço prestado à verdade, muitas vezes com sofrimento, semeou aquilo que, não muito tempo depois da sua morte, deu abundantes frutos. O seu caminho ao serviço da fé católica levou-o a todos os Países da Europa central, de Nimega, sua terra natal, a Roma e a Messina, de Estrasburgo à minha terra natal, Cracóvia, e enfim a Friburgo. Os confins nacionais eram estranhos à sua obra; ele considerava-se ao serviço da Igreja, que vai para além das nações. O que na confusão do tempo em que viveu ele só podia imaginar é hoje, no limiar do terceiro milénio, a nossa esperança: com a nossa ajuda, Deus está prestes a fazer florescer «uma grande primavera cristã» (10), uma jovem Igreja no velho continente europeu. A Mãe de Deus e Mãe da Igreja, que o segundo Apóstolo da Alemanha venerou com as palavras, os escritos e a oração, vos conceda, a vós e àqueles que vos são confiados, o bom conselho: «Fazei o que Ele vos disser» (Jo 2, 5).

Concedo-vos de coração a minha Bênção Apostólica.

Vaticano, 19 de Setembro de 1997.

JOÃO PAULO II

Notas

- 1) Petri Canisii Epistulae I, 54.
- 2) ASS 30 (1897) 3-9, sobretudo o número 3.
- 3) «Meditationes seu Notae in Evangelicas Lectiones», em: Societatis Jesu Selecti Scriptores II, Friburgo I.B., 1955.
- 4) Petri Canisii Epistulae VII, 333 s.
- 5) Cf. Catechesi tradendae, 21.
- 6) Petri Canisii Epistulae et Acta VI, 627.
- 7) Collectio Lacensis VII, 497 s.
- 8) Ut unum sint, 97.
- 9) Homilia de João Paulo II durante a Celebração eucarística na Basílica de S. Pedro, na presença de Dimítrios I, Arcebispo de Constantinopla e Patriarca Ecuménico (6 de Dezembro de 1987), 3: AAS 80 (1988), 714.

10) Redemptoris missio, 86.

Copyright © Dicastero per la Comunicazione - Libreria Editrice Vaticana